

roupas, à luz débil do crepúsculo.

Às suas costas o quarto era de um escuro pesado, somente interrompido aqui e ali pelos reflexos vindos do fogão, os quais refletiam fantasticamente alguns objetos de cobre pendurados em volta da lareira e os tecidos reluzentes das camisas que acabavam de secar ao calor do fogo. Essa moldura de sombra e a luz sutil que entrava pela janela ressaltavam a figura elegante, luminosa, e a grácil beleza da passadeira. Seus olhos cintilavam e a tez delicada do rosto, do colo e dos braços nus adquiria uma transparência perolada. Vista assim, a moça, à qual os maldosos atribuíam tantas escapadelas, portava toda a candura e a ingenuidade de uma virgem de Fra Angelico³.

3 N.de T.: Fra Angelico, pintor italiano do séc. XV, cuja obra se caracteriza por temas essencialmente religiosos.

Uma entre tantas¹

Emma

Tradução: Carina Arsego Roesler²

Os fatos que narro neste livro são verdadeiros. Aliás, quem os teria escrito se não fossem verdadeiros?

Quando tomei conhecimento deles, logo, junto com a indignação e a dor que me causaram, senti o impulso de contá-los, de denunciá-los a todos. Mas, a seguir, hesitei. Me detinha uma falsa vergonha, uma repugnância quase insuperável. Até que, ao iniciar novamente a arquitetar novas histórias, a meditar sobre obras de fantasia, provei outra vergonha e outra repugnância, que contrastavam singularmente com as provadas inicialmente.

Senti que não era mais possível, sabendo daqueles fatos, negar à triste verdade seu direito de preferência em relação às minhas fábulas.

Assim, prevaleceu meu primeiro impulso.

Espero que no futuro, mesmo quando o trabalho da minha imaginação for mais intenso e fervoroso e que imagens vindas da minha fantasia parecerem-me mais atraentes e valiosas, eu tenha sempre a força de afastá-las, ao menos se, ao lado delas, surgir algo verdadeiro, ainda que triste, miserável ou até mesmo sórdido, que possa ser útil à humilde pluma de uma escritora de fábulas.

Florença, 15 de dezembro de 1877.

*
* *

1 EMMA. **Una fra tante**. www.liberliber.it. p. 4, 13-17, e, em parte, do trecho *Sofferenze numerizzate*, de MORANDINI, G. Op.cit. p. 122-127.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O lugar era tão abafado, havia ali uma tal confusão de gente e a sombra pesada de muros e de cortinas era tão pesada e grave que, por um momento, Barberina não conseguiu entender onde estava.

Estava numa cama, estreita e dura, e, ao lado de sua cama, viu outra, depois outra e depois ainda outra, e depois uma fila indistinta de outras camas que se perdiam na grave e triste penumbra daquela sala.

Até então, nos seus sonhos febris, ela tinha visto as longas e sombrias fileiras dos carvalhos e das castanheiras que cresciam no declive dos seus morros. Agora, ao contrário, fixava amedrontada uma lúgubre perspectiva de cortinas e de lençóis, entre os quais se moviam incessantemente rostos descarnados, ondas de cabelos e curativos de doentes. O contraste entre a lembrança do sonho e a realidade presente aumentava o horror daquilo tudo.

Mas, pouco a pouco, começou a distinguir com maior clareza aquilo que via ao seu redor. Ergueu-se um pouco na cama e olhou melhor cada coisa.

Na cama ao lado, havia uma juvenzinha pálida e magra. De vez em quando, ela se erguia na cama para tossir, depois, com um lamento, recaía sobre os travesseiros.

Do outro lado de sua cama, estava deitada outra doente. Era uma mulher de meia idade, feia, desgrenhada, com os olhos negros e reluzentes.

Quando Barberina se voltou para aquele lado, a mulher lhe disse:

— É a primeira vez que vem para cá?

— Sim — respondeu timidamente.

A doente sorriu maliciosamente.

— Já vim para cá seis vezes. Quando a gente se acostuma, percebe que não é tão ruim assim. Em qual quarto vão levar você?

— Como assim em qual quarto...? — repetiu Barberina, surpresa.

— Ah, não sabe? Ai... que dor — disse a mulher interrompendo-se e contorcendo-se. Ficou calada por um momento; depois, recolocando-se na posição anterior, retomou o discurso.

— O que é que você tem?

— Não sei — respondeu Barberina.

— Não sabe? — exclamou a outra, olhando-a demoradamente, com curiosidade. — Tu de certo deve ser uma camponesa? — perguntou de novo, tratando-a agora claramente por *tu*, depois que a juvenzinha tinha dado prova de tanta ignorância.

— Os meus pais são pastores...

— Ah! — fez, com desprezo a mulher que se contorcia de dores, e não disse mais nada.

Enquanto isso, Barberina pensava naquilo que ela lhe tinha dito, e, depois de um momento, vendo-a mais tranquila, aventurou-se a interrogá-la.

— Quer dizer então que vão me tirar daqui? — disse.

— Mas é claro! — respondeu a outra — Isso daqui é o *depósito* — e vendo que a moça não entendia, acrescentou — a sala de espera — e sorriu novamente.

— Sala de espera? — respondeu Barberina — é assim que se chama aquela grande sala de onde se parte... na estação de trens.

— Exatamente! — disse a outra com o mesmo sorriso feio de antes — E como na estação de trens, daqui também se parte, minha filha, todos os dias, todas as horas, todos os minutos.

— Se parte...? — balbuciou Barberina, com medo de entender.

— Para o cemitério. Nos levam embora como cães. E temos que agradecer se nos levarem embora sem nos reduzir em pedaços, para nos estudar. Nós somos os pobres coitados... Pegam nossos corpos mesmo depois de mortos — e lhe deu uma olhada maligna e descarada; depois se contorceu de novo. — Tá com medo?

Barberina fez sim com a cabeça e virou o rosto para o outro lado.

— Tenha dó!... Do que é que tu tem medo? Tu te assustou com aquilo que te disse agora... de nos cortar em pedacinhos? Mas não entende que o fazem depois; quando já não sentimos mais nada? O que que importa? Ainda não aprendeu a desejar a morte? Oxalá nos fizessem mal só depois da morte!

E a mulher se virava e revirava na cama, continuando a se lamentar.

— É um luxo que não é feito para nós, esse de ter medo de morrer. Deus do céu, que dor! — e soltou um grito. A servente que passava por ali parou na sua cama e lhe perguntou se precisava de alguma coisa, mas a doente continuava lamentando-se e contorcendo-se sem responder; mais tarde, veio também uma freira, que procurou confortá-la com palavras gentis, dizendo-lhe que logo iriam levá-la para outra sala e lhe dariam os remédios que a fariam melhorar, incentivando-a a rezar ao Senhor.

A mulher respondeu encolhendo os ombros e lamentando-se. Depois, quando a religiosa já tinha ido embora, ela se voltou para a cama que estava no lado oposto à de Barberina.

— Rezar! — exclamou com desprezo.

Barberina a ouviu rir. Era um riso sufocado, trivial. Bom Deus, pensou a menina, como se ri mal neste lugar! Não seria melhor que chorassem? Naquela sala, em meio àquela descarada publicidade da dor, àqueles sofrimentos numerados, tinha algo ainda mais triste e mais repulsivo que a própria dor, mas ela não entendia o que era. Nem entendia o que havia, naquele lugar, que lhe dava medo, mais medo ainda do que o medo da doença e da morte.

Barberina olhou em direção do riso que tinha ouvido. Viu uma mulher não jovem, mas ainda bela, que estava sentada na cama com um dos braços no pescoço. Uma fita vermelha desbotada lhe prendia os cabelos e um xale de renda rasgada lhe cobria as costas.

— Seria bom se se pudesse rezar, — dizia a doente que, antes, tinha conversado com Barberina, — ter alguma esperança... Mas até mesmo a esperança

é um luxo. Não sentir tanto a dor presente que não te deixa pensar em mais nada, não estar, a cada momento, tão oprimido pela miséria e pela dor, ao ponto de não conseguir mais ter cabeça para esperar melhorar ou pensar no que virá depois, seria certamente uma coisa boa! Mas aspirar por um momento de repouso é um luxo, apenas um luxo.

A mulher bonita ainda sorriu.

— Se fosse para as freiras — disse — deveríamos estar felizes por sofrer.

— Sim, e agradecer a quem nos manda a dor — respondeu a outra — Se ao menos eu acreditasse nisso: que existe alguém que nos manda a dor! Eles pegaram, os patrões, os ricos, eles pegaram tudo... tudo, até mesmo Deus... O que diabos fizeram com Ele, e por que o pegaram, não se sabe! Deus não servia para ganhar dinheiro, fazer iguarias ou vestidos.

— Serve para os livros — respondeu a mulher que tinha o braço machucado, com um certo ar de superioridade, — os livros se vendem...

— E venderam até ele! — exclamou a doente mais velha — E Barberina ouviu ainda aquela risada de antes, interrompida por um lamento. Depois, as duas doentes voltaram-se, e olharam outra maca, aquela próxima à mulher bonita.

Uma freira e um jovem, vestido como civil, estendiam um lençol sobre ela.

— Morreu! — disse a mulher que estava próxima a Barberina.

— Quem era? — perguntou, depois de um momento de silêncio.

— Uma prostituta! — respondeu a outra com desprezo — a trouxeram aqui ferida por uma faca.

Depois, houve um diálogo em voz baixa, a seguir, uma risadinha, e as mulheres olharam o cadáver corpulento e grotesco, cujas formas delineavam-se sob as dobras do lençol, e, por um momento, não disseram mais nada.

Barberina estava mais horrorizada com a maneira de olhar daquelas mulheres do que com o próprio cadáver. Aqueles quatro olhares desafogados e arrogantes, repletos de febre e dor, lhe causavam medo, e enquanto caía no sono involuntariamente sob a efeito daquele medo, os enxergava em sonho, os imaginava próximos, e lhe parecia que aqueles olhos, grandes e feios, a tocavam e ela fazia esforços dolorosos e inúteis para se liberar deles.

Finalmente uma freira a acordou e mandou que a transportassem para a enfermaria onde se internavam aqueles que tinham doenças como a sua.

Aquela sala, situada no andar mais baixo, era mais clara e espaçosa que a outra, e dava para um pátio, no qual cresciam algumas plantas pequenas e baixas. Crianças vestidas com uma camiseta de tela rústica corriam da enfermaria ao pátio, ou caminhavam entre os leitos, respondendo às doentes que as chamavam, ou se agachavam perto de alguma enfermeira, que parava de vez em quando para acariciá-las.

Aquelas crianças eram tristes e tranquilas. O uniforme do hospital pesava sobre elas e parecia dizer-lhes coisas tristes e cínicas, que às crianças nunca se

diz. Ainda pequenos, tinham perdido a inconsciência da infância e pareciam ter sido violados na sua inocência e no seu pudor moral por aquele triste camiseta. E andavam assim, profanados e ainda assim inocentes, entre aquelas doentes, aquelas enfermeiras e aqueles médicos, com uma indiferença conformada que fazia mal.

Barberina não conseguia perceber tudo aquilo. Ela só entendia que aquelas crianças eram diferentes das outras, especialmente daquelas que ela tinha visto até então nos montes onde ela vivia. Mas eram crianças da cidade grande, bonita e civil, e a cidade grande tinha feito mal a eles, assim como fazia mal a ela e a tantos outros. Era um mal desconhecido que atingia todos, até os pequeninos.

Barberina sentiu-se aliviada por encontrar-se numa sala onde havia muitas outras jovens como ela. Ali, sentia-se mais segura. E olhou ao seu redor com mais ânimo.

Naquele momento, ouviu a voz da sua patroa que a chamava.

Como lhe pareceu doce aquela voz, em meio ao isolamento daquele hospital cheio de gente! Pareceu-lhe uma das vozes de sua casa, como se fosse a voz de sua própria mãe.

Foi uma visita muito curta, mas sua patroa disse-lhe tantas coisas carinhosas. Repetiu-lhe tantas vezes que ela, com certeza, iria ficar boa e que logo voltaria a trabalhar, e também disse tão suavemente que gostava dela e que ficaria sempre com ela, porque era uma moça boa e honesta, que Barberina não soube como agradecer. Aquelas palavras de conforto e aqueles elogios vindos da sua senhora, que não costumava prodigá-los, fizeram-na feliz e confortaram-na. Agora ela tinha quase certeza que ficaria boa e poderia voltar para a sua patroa. Gostava ainda mais dela, agora que lhe tinha demonstrado tanta solicitude, bem mais do que costumava mostrar. E parecia-lhe que poderia desempenhar melhor seu dever, sabendo que seus patrões apreciavam sua boa vontade e estavam satisfeitos com ela. Queria trabalhar muito, tornar-se mais esperta no serviço e adquirir assim uma boa reputação com sua senhora. Queria também fazer economias, para poder depois, um dia, dali a muito tempo, voltar para suas montanhas e rever Luca e sua mãe. Queria mesmo tornar-se uma moça de casa, distinta, de boas maneiras. Ela lembrava com desgosto aquelas criadas, coquetes e descuradas, que ninguém mais respeitava e que todos olhavam mais ou menos como as duas mulheres do depósito tinham olhado aquela pobre morta. Ela, a noiva de Luca, não podia se parecer com uma daquelas moças! E lembrava suas irmãs, sua mãe, as amigas de sua cidade. E sua dignidade rústica, primitiva, rebelava-se à idéia de, um dia, não se tornar ainda mais digna de voltar para casa, onde todos eram bons e honestos, ao menos assim achava, e de não se apresentar com um atestado de louvor de sua patroa.

Às vezes, ela pensava que, no momento de sua chegada, o bom pároco a receberia com um sorriso de benevolência. Imaginava-se reencontrando

aquela senhora, amiga de sua patroa, para quem ela se apresentaria dizendo que sempre tinha feito seu dever, desde o dia de sua partida. E a miúdo, procurava figurar-se como seria a sua volta na sua cidade; pensava nisso com um certo orgulho, honesto e franco, e ficava contando os meses e os anos com energia e tranquilidade.

Com estes pensamentos, ela passou os longos dias no hospital, animando-se, confiando nas próprias forças e no futuro.

Sua patroa a visitava todos os dias e estas visitas cordiais estabeleceram uma intimidade entre a patroa e a jovem, como nunca havia tido antes. No entanto, à medida que Barberina ia melhorando, as visitas faziam-se mais raras e a moça notava, com inquietação, que a senhora ficava mais séria, que suas visitas eram cada vez mais breves e que havia, na atitude dela, algo diferente e insólito.

Um dia, Barberina atreveu-se a perguntar-lhe se a havia desagradado de alguma maneira ou se, talvez, não quisesse mais que ela voltasse para trabalhar na sua casa quando saísse do hospital.

A boa senhora a olhou surpresa, garantindo-lhe afetuosamente que nunca tivera de se lamentar do seu trabalho e que esperava revê-la logo na sua casa. Mas, logo a seguir, antes de deixá-la, ficou novamente séria e disse-lhe que tinha problemas graves e estava muito infeliz. Mas, logo após ter dito isso, talvez envergonhada deste repentino desabafo com uma moça doente, para quem ela nunca iria poder explicar a verdadeira razão de sua insatisfação, levantou-se e, após uma breve despedida, deixou-a.

Nunca mais voltou.

Barberina a aguardava sempre e não se conformava de não mais a ver. Temia que sua boa patroa também estivesse doente, e que por isso não pudesse visitá-la.

Enquanto isso, Barberina melhorava e, apesar de ainda muito fraca, fingia sentir-se forte e vigorosa, para obter mais rapidamente permissão para sair do hospital, imaginando que sua patroa precisasse dela, que ela estivesse doente, que talvez se sentisse mal. Ter de permanecer no hospital sem ninguém que viesse visitá-la, sem nunca ver uma pessoa conhecida, lhe dava medo. Ela sentia-se só no contínuo vai-e-vem das salas dos doentes, naquele lugar sempre aberto ao público. A grande porta de entrada, aberta a todos, que comunicava incessantemente com a cidade, e a outra porta, do lado oposto, que dava acesso à parte interna do hospital, pela qual levavam embora os mortos, ambas a deixavam igualmente aterrorizada.

Às vezes, nos sonhos provocados pela febre, sentindo passar sobre sua cama alguma corrente de ar que, vindo pela entrada, passava sibilando por entre os corredores e as enfermeiras, ela imaginava que aquela corrente arrastava consigo as pessoas, involuntariamente, vindo das ruas mais remotas da cidade, trazendo consigo, como um rio impetuoso, os mais desgraçados e os mais fracos.

Antes morrer¹

Marchesa Colombi

Tradução: Maria Cristina da Silva Gonçalves²

Um dia pensei em levar todas as minhas jóias para a Congregação da caridade. Mas Malvezzi não entrou no espírito da coisa. Disse-me que não tinha o direito de alienar a propriedade da minha filha.

É estranho que a pequena Marichita deva ditar-me a lei e ser a proprietária dos meus diamantes, os quais eu não lhe permitiria nem sequer tocar com um dedinho. É insuportável a tirania desta menina.

Em outra ocasião lembrei-me de ter conhecido, em Turim, umas mulheres de muito valor que, de manhã, iam arrumar as camas no Bom Pastor. Pensei em ir, eu também, arrumar as camas dos velhinhos do Asilo Pio Trivulzi.

Mas após ter feito a experiência de arrumar a minha própria cama, compreendi que teria prestado um péssimo serviço àqueles pobres velhos.

Não fui acostumada a fazer os serviços domésticos; não sou uma boa dona de casa; sou um objeto de luxo, um capital mal empregado, como o nosso casarão de Regoledo, que nos custa um despropósito para mantê-lo e não rende nada.

Fui então até a casa de uma conhecida minha, que é a filantropia encarnada. Não como Cristo, encarnado num jovem tão belo de virar a cabeça a Maria Madalena. Ela está encarnada há meio século em uma matrona, nem um pouco bonita e um pouco pedante, que não faz ninguém perder a cabeça e não suscita nenhuma paixão.

Ela recebeu-me como se recebe uma ovelha perdida que volta ao curral, arrastou-me por toda Milão na sua carruagem, fez-me ficar sentada nas cadeiras

1 COLOMBI, marchesa. **Prima Morire**, Milano: Galli, 1887. O trecho traduzido foi extraído de MORANDINI, G. op.cit. p. 137-145.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradutor em Português e Italiano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.